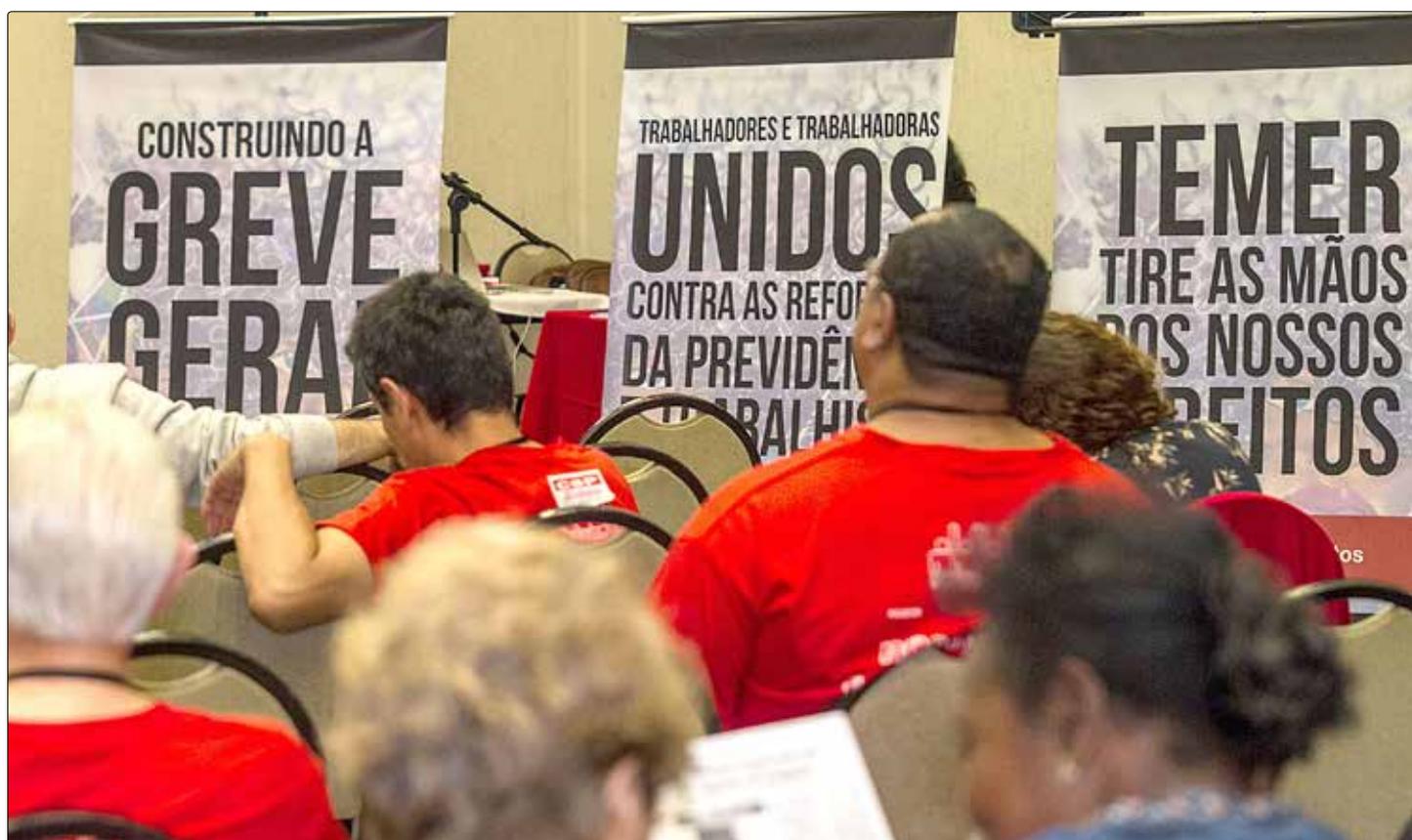




Após três dias de debates, Plenária Final definirá resoluções do 8º Congresso



Foram três dias de debates sobre a conjuntura política, a crise econômica, as reformas que retiram direitos, opressões, as demandas da categoria e a melhor forma de mobilizar os trabalhadores para enfrentar a retirada de direitos que Temer tenta impor

O 8º Congresso do Sintrajud-SP chega ao seu quarto e último dia em Itapeverica da Serra com o desafio de converter os debates, travados em longas horas de trabalho, em resoluções que sintetizem as ideias expostas no evento e que assegurem à categoria as melhores condições para defender seus direitos.

Percorreu-se temas como a conjuntura nacional e internacional, a necessidade de barrar as reformas da Previdência e do Trabalho e a urgência de construir a greve geral para enfrentar os projetos de Temer.

Também se abordou o combate ao machismo, racismo e LGBTfobia, numa mesa específica sobre o tema. Tudo

isso sem perder de vista as demandas específicas da categoria.

Foram credenciados 77 delegados e delegadas, uma observadora e 13 convidados. Naturalmente, no último dia o cansaço já é visível nessa gente que deixou seus afazeres cotidianos para buscar entender melhor o momento atual e construir os melhores caminhos para lutar contra a retirada de direitos.

A Plenária Final começa pela manhã – o horário previsto é 9h30 – e deverá se estender até o final da tarde, quando se definirá o que fazer diante desse momento que pode ser decisivo para o futuro da classe trabalhadora no Brasil.

Painel “conjuntura” tem alta participação e alerta: hora de lutar é agora

Mesa sobre o cenário político e econômico proporcionou quase quatro horas de debate



Palestrantes concordaram com a necessidade de unir forças de todos os que queiram ir às ruas combater as reformas

Foram quase quatro horas de debates com exposição de ideias sobre o que está acontecendo no cenário político e econômico do país e do mundo. A mesa de debates sobre conjuntura realizada durante toda a tarde e o início da noite do segundo dia do 8º Congresso do Sintrajud, na sexta-feira (24), em Itapeverica da Serra (SP), fez um alerta: a hora de ir para as ruas e enfrentar os projetos que atacam a classe trabalhadora é agora.

A mesa reuniu cinco palestrantes, com um debate permeado por acordos em certos aspectos e relevantes divergências em outros. Mas uma posição se sobrepôs: a constatação da necessidade de unir forças de todos os que queiram ir para as ruas combater as reformas da Previdência e do Trabalho

defendidas pelo governo Temer.

A atividade levou muitos servidores a se manifestarem sobre os temas abordados. Participaram do painel “Análise de Conjuntura e as Saídas Para a Classe Trabalhadora” Guilherme Boulos (filósofo, membro da coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - MTST e da Frente de Resistência Urbana), Plínio de Arruda Sampaio Jr. (economista graduado pela USP e livre-docente pela Unicamp, filiado ao Psol), Zé Maria (metalúrgico e dirigente do PSTU) e Silvia Ferraro (CSP-Conlutas e MAIS). Também esteve na mesa o servidor do TRF-3 José Dalmo Vieira Duarte, diretor de base do Sintrajud e integrante da organização Espaço Socialista.

A urgência de construir uma greve geral que pare o país e demonstre a insatisfação da classe trabalhadora com as medidas do governo também permeou as falas tanto de palestrantes quanto de muitos delegados e observadores. Também houve críticas à herança deixada pelo governo Dilma, que também patrocinou projetos e políticas que atacaram os trabalhadores.

O debate foi transmitido ao vivo pelo Sindicato via internet. A transmissão havia obtido na página do Sintrajud no Facebook mais de oito mil visualizações até o fim da noite de sexta. A audiência girou em torno de 60 pessoas, na média, com picos de cerca de 100 internautas acompanhando a transmissão simultaneamente.



Jornalistas: Hélcio Duarte Filho, Hélio Batista Barboza e Shuellen Peixoto
Fotógrafo: Joca Duarte | Diagramação: Roberto Lima

Por que a greve geral ainda não foi convocada?

O Boletim do 8º Congresso fez essa pergunta aos representantes das centrais sindicais logo após o debate sobre o “ajuste fiscal” e seus impactos sobre os trabalhadores. Veja a íntegra no [site](#)



Joaninha Oliveira
CSP Conlutas

A greve geral é importante, todas as intervenções feitas neste congresso apontam para uma necessidade da greve geral, as direções podem divergir, mas, neste momento, são chamados a responsabilidade de não apresentar nenhuma emenda de negociação, nenhum projeto substitutivo, não ir aceitar qualquer manobra que o governo Temer queira fazer. O debate contribuiu para sair daqui mais fortalecidos.

João Batista Gomes
CUT

Consideramos que o dia 15 de março significou uma virada na situação política do país, calculamos que cerca de 1,5 milhões de trabalhadores se manifestaram e paralisaram suas atividades. Então acho que agora, de fato, há todas as condições para construir uma greve geral, e este é o intuito da CUT



Mané Melato - Intersindical
Instrumento de Luta e Organização da Classe Trabalhadora

A construção da greve geral passa por um processo de muita discussão com os trabalhadores, para mostrar para eles que é necessário parar a produção. Se a gente não mobilizar agora vamos perder muito. Quero que as próximas gerações tenham mais direitos que esta, mas para isto a greve geral é necessária senão estaremos fadados a não se aposentar.

Matheus Lima
Intersindical - Central da Classe Trabalhadora

Algumas centrais não têm interesse de fazer a greve geral porque elas são base de apoio do governo Temer. Por outro lado, as centrais de esquerda, comprometidas com a pauta popular, ainda não conseguiram encontrar um bom termo para isso, mas tenho esperanças que agora para meados de abril a gente consiga superar as diferenças e fazer a necessária greve geral para combater essas medidas que retiram direitos.



“A nossa luta é todo dia contra o machismo, racismo e homofobia”

Palestrantes destacam que reformas propostas por Temer são mais danosas para os setores oprimidos

“A nossa luta é todo dia contra o machismo, racismo e homofobia”, foi a palavra de ordem cantada pelos servidores no painel de debate sobre opressões que abriu o terceiro dia do 8º Congresso do Sintrajud. A mesa que contou com a participação de Carlos Eduardo Costa, do Espaço Socialista, Érika Andreassy, do Movimento Mulheres em Luta, e Francisco Antero, servidor do TRF-3, resgatou o debate de combate ao machismo, racismo e LGBTfobia, tema que não foi pautado nas últimas edições do congresso.

Todos os palestrantes destacaram que o ajuste fiscal, as reformas trabalhista e da previdência e a aprovação do PL da Terceirização, atingem com mais força os setores oprimidos, que são os mais explorados na sociedade. “A tendência é que a porrada seja maior no ‘lombo’ do trabalhador negro,

por exemplo, sabemos que alguns trabalhadores terceirizados negros ganham salários menores que os brancos”, afirmou Francisco Antero.

Na opinião da representante do MML Erika Andreassy, a Reforma da Previdência proposta pelo Governo de Michel Temer, aprofunda as desigualdades entre homens e mulheres, já que desconsidera a jornada tripla que as mulheres cumprem diariamente. “A luta contra as opressões não pode ser isolada, e diante de tantos ataques, as lutas contra as opressões unem-se às lutas contra o ajuste fiscal, as reformas da previdência e trabalhista”, destacou.

Durante o debate, a servidora do TRF-3 Luciana Carneiro lembrou que os trabalhadores do Judiciário Federal convivem em um ambiente opressor dentro dos tribunais e que, mesmo

as mulheres sendo um grande setor da categoria, a maior parte dos chefes são homens. “Nos deparamos o tempo todo com comentários racistas, machistas e preconceituosos, principalmente quando nós estamos em posição de chefia, se é bonita é porque ‘deu pro chefe’, se é feia vem o comentário ‘ah, mas feia desse jeito tinha que estudar muito mesmo’”, afirmou.

Para Carlos Eduardo Costa é fundamental que as entidades sindicais façam o debate sobre o combate às opressões com os trabalhadores, para unificar acabar com todo tipo de opressão e unificar a luta dos trabalhadores. “O movimento sindical precisa entender essa pauta para conseguir combater todas as formas de opressão e caminhar na unidade da luta em defesa dos direitos”, finalizou.



Debate sobre opressões abriu o terceiro dia do 8º Congresso

Sintrajud parabeniza Oficiais de Justiça

Hoje, dia 25 de março, é o dia nacional do Oficial de Justiça, o Sintrajud parabeniza estes servidores que são o elo entre o Judiciário e o cidadão, cumpre uma função indispensável à prestação da Justiça com coragem e determinação.

A diretoria do Sintrajud, especialmente os Oficiais de Justiça Erlon Sampaio, Lynira Sardinha e Lucas Dantas Freire, reafirmam a posição do Sindicato de continuar na defesa dos direitos, segurança e condições de trabalho para os oficiais de justiça.